

## COLAR EM REDE

### A produção de edifícios - e de textos - por meio de colagens

TO PASTE IN NETWORK  
*The production of buildings - and texts - through collages*

**Flávia Lima<sup>1</sup> e Giselle Azevedo<sup>2</sup>**

#### Resumo

O artigo revisita uma pesquisa de doutorado que cartografou a rede sociotécnica do projeto arquitetônico da escola de educação infantil Espaço Cria, na cidade do Rio de Janeiro, entre 2015 e 2021. A cartografia reuniu as performances dos diversos atores em oito movimentos que tecem o relato da rede ao mesmo tempo que a performa. A pesquisa questiona o papel da Arquiteta nas redes de projeto-pesquisa, não como o criador, mas como um mediador privilegiado de um processo coletivo de criação. O artigo, no entanto, não se limita a um resumo do texto da tese, performando como uma nova colagem, resultante de novo recorte, novo encontro e nova cola, que, conseqüentemente, dão origem a um novo objeto.

Palavras-chave: pesquisarCOM, projetarCOM, escola, colagem.

#### Abstract

*The article revisits a doctoral research that mapped the architectural project sociotechnical network of Espaço Cria early childhood education school, in Rio de Janeiro, between 2015 and 2021. The cartography brings together the performances of the various actors in eight movements that tells the network's story at the same time that make it happens. The research questions the role of the Architect in project-research networks, not as the creator, but as a privileged mediator of a collective creation process. The article, however, is not limited to a summary of the thesis text, performing as a new collage, resulting from a new cut, a new meeting and a new glue, which, consequently, give rise to a new object.*

Keywords: researchWITH, designWITH, school, collage.

#### Um novo objeto

A chamada para a 26ª edição da revista Pixo com a temática “COLLAGE: do movimento à criação”, foi um convite para, passados dezoito meses da defesa, voltar os olhos para minha tese de doutorado, a fim de resumir-la em um artigo. O tema da chamada – collage – me parecia perfeitamente aderente à abordagem sociotécnica utilizada na pesquisa. O texto da final da tese é uma colagem de oito fragmentos temporais – nomeados na tese como movimentos – cartografados na rede sociotécnica do projeto arquitetônico da escola de educação infantil Espaço Cria, na cidade do Rio de Janeiro, entre 2015 e 2021, no qual o edifício é resultado da fusão associativa das performances dos seus diversos atores.

A intenção inicial de produzir um resumo não resistiu às primeiras reflexões sobre as etapas de uma collage: o recorte, o encontro e a cola. Um novo texto, com entre dez e vinte e cinco páginas, abordando o conteúdo previamente reunido em uma tese dez vezes maior, requer outro encontro, outra cola e, até mesmo, outro recorte. Trata-se, portanto, de um processo de produção de um novo objeto proveniente da associação de objetos já existentes. O resultado é, inevitavelmente, um artigo que não apenas aborda o tema *collage*, mas que performa, ele mesmo, uma colagem. Tal qual o modo de conhecer situado e engajado do pesquisarCOM (DAVID, 2018) empreendido na pesquisa, a escrita intencionada no seu relato – tanto na tese quanto no artigo – é situada e localizada. Ou seja, uma escrita que não oculta as suas marcas, mas que preza por afirmá-las (MORAES e BERNARDES, 2014). Uma escrita consciente de que se não há isenção na pesquisa, não haverá isenção no relato.

Afirmar a escrita como laboratório significa nela incluir marcas, hesitações, silêncios, gagueiras. A escrita não é de modo nenhum um espaço liso, isento de conflitos. Ela é um terreno de lutas porque nela e por ela fazemos existir certos mundos e não outros. Em nossos escritos, alguns mundos ganham consistência, enquanto outros são apagados (MORAES e BERNARDES, 2014, p. 9).

Além de não isento, um relato deve ser entendido como um mediador (LATOIR, 2012), que não apenas transporta um conteúdo tal qual um intermediário, mas que, como ator que é, age na rede, além de ser impactado por ela. O trabalho enfadonho de resumir, que vinha sendo procrastinado há dezoito meses, performava agora como um novo emaranhado de rede a ser desdobrada. A noção de política ontológica (MOL, 2008) sugere que nenhum objeto existe sem estar articulado com as práticas que o produzem, ou seja: existem múltiplas realidades (ontologias) que são performadas em lugar de uma mesma realidade que é observada por diversos olhos – ou pontos de vista – mantendo-se intocada no centro. As realidades múltiplas são atravessadas e manipuladas por “meio de vários instrumentos, no curso de uma série de diferentes práticas” (MOL, 2008, p. 6).

E isso nada tem a ver com a “flexibilidade interpretativa” facultada por “pontos de vista múltiplos” adotados sobre a “mesma” coisa. É a própria coisa que se permitiu ser desdobrada como múltipla e, portanto, ser apreendida através de diferentes pontos de vista, antes de ser possivelmente unificada em alguma etapa posterior, dependendo das habilidades do coletivo para unificá-los (LATOIR, 2012, p. 171).

Um artigo, portanto, não será apenas um novo olhar – ou ponto de vista – para a mesma realidade observada pela tese, e sim a produção de uma nova realidade que incorpora na rede a collage como forma de ver e performar projetos de arquitetura (FUÃO, 1992).

<sup>1</sup> Arquiteta, mestre em Engenharia de Produção e doutora em Arquitetura. Professora da Faculdade de Engenharia Civil da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Arquiteta, mestre em arquitetura e doutora em Engenharia de produção. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A primeira etapa consiste na escolha dos elementos, das figuras que se pensa utilizar, e recortá-los, conforme a maneira que lhe interessa. A esta etapa denominei, obviamente, RECORTE. O material resultante desta operação constitui-se no que se denomina por FRAGMENTOS ou FIGURAS. A fase seguinte consiste em montar, casar as figuras recortadas. A este movimento, ou momento, costumo utilizar a expressão ENCONTROS, que serve para designar toda a sorte de aproximações que as figuras, liberadas de seu contexto anterior, costumam realizar. (...) Finalmente, a última etapa, a que dá nome ao procedimento, é a utilização da COLA, e tem por objetivo fixar uma figura à outra, ou a um suporte (FUÃO, 2011, p.7 e 8).

### Sobre o ofício de projeto

A pesquisa em tela cartografou a rede sociotécnica do projeto arquitetônico da escola de educação infantil Espaço Cria. Os autores da Teoria-Ator-Rede (TAR), do inglês Actor-Network-Theory (ANT) refutam a ideia de Sociologia da Ciência, substituindo-a pela de construção sociotécnica de fatos científicos e afirmam que o “social” não existe de forma autônoma e, portanto, não pode ser utilizado para explicar nada, tampouco o ofício de projeto. Ao contrário, o social é um empreendimento prático de construção de mundo, que consiste em ligar - ou colar - entidades a outras entidades traçando redes formadas por múltiplas conexões - ou associações - envolvendo seus diferentes atores humanos e não-humanos (LATOURE, 2012).

No projeto do ambiente escolar cartografado na pesquisa, podemos citar como atores humanos, além da arquiteta projetistas, os representantes de órgãos regulamentadores (secretarias de educação, urbanismo e patrimônio), as fundadoras e diretoras da escola, os proprietários do imóvel locado, e os construtores e fornecedores da obra, corriqueiramente evidentes em cartografias de redes de projetos arquitetônicos. A eles, somam-se os educadores – incluindo entre eles todos os funcionários da escola, da portaria a limpeza – as crianças e suas famílias, com vozes ampliadas devido ao projeto pedagógico da escola alinhar-se à Educação Viva e Consciente - proposta e implementada por Ivana Jauregui na Escola Viva Inkiri, na comunidade de Piracanga no sul da Bahia, na Escuela del Bosque, em La Paloma no Uruguai e, mais recentemente, na Cidade Escola Ayni no município de Guaporé, no Rio Grande do Sul - e adotar a Metodologia de Projetos, tendo como referência o trabalho de José Pacheco, na Escola da Ponte, em Portugal.

Além deles, há ainda os atores não humanos, tais como: a chuva, as árvores, as leis, os abacates, os vírus, entre outros, que agiram de forma protagonista em muitas decisões do projeto. Entre os atores não-humanos imbricados na rede arquitetural, os objetos de representação e documentação do projeto - tais como croquis e imagens tridimensionais - merecem uma atenção especial. Tais objetos são a inscrição dos compromissos resultantes das negociações (CALLON, 1996). Não são, no entanto, apenas representações, mas atores que agem na rede, performando a edificação. Michel Callon é engenheiro e sociólogo e foi o primeiro autor a colocar as utilidades da Teoria ator-rede (TAR) para a compreensão da concepção arquitetônica de forma explícita. Segundo ele, enxergar o projeto como rede sociotécnica significa entendê-lo como um processo de negociação entre diversos pontos de vista e interesses, até que se atinja a estabilidade (CALLON, 1996).

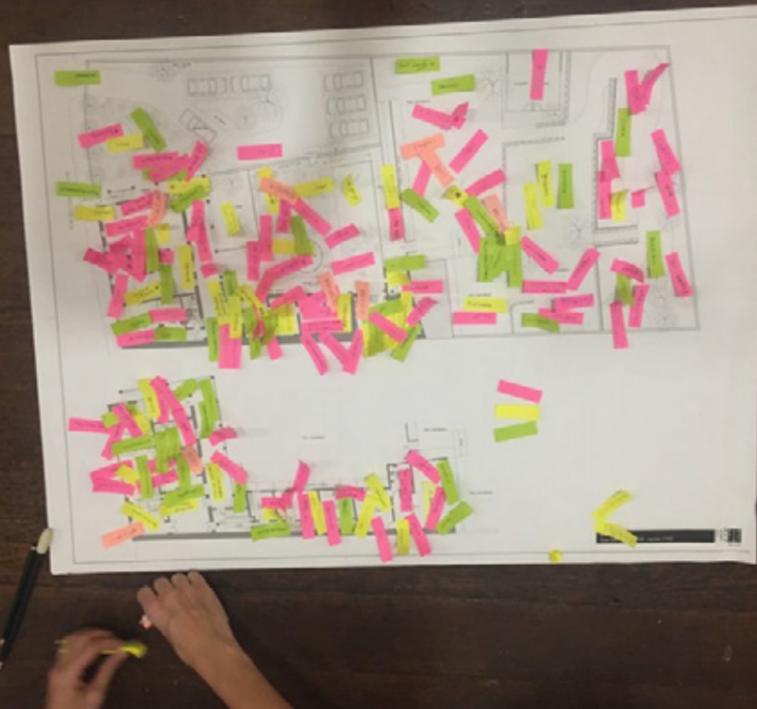
Albena Yaneva ampliou as pesquisas de aplicação da TAR aos processos de projeto de Arquitetura. A autora é antropóloga, professora e diretora do Centro de Pesquisas em Arquitetura na Universidade de Manchester e se diz uma empirista radical, estando seu interesse voltado para a experiência e para as inúmeras conexões que permeiam o processo construtivo. A autora diferencia o arquitetural (capacidade de conectar coisas) do arquitetônico (qualidades intrínsecas) e recomenda que o primeiro seja o alvo das observações (YANEVA, 2012). A cartografia das controvérsias, um recurso metodológico para mapear as redes sociotécnicas, é utilizada por ela para a investigação do “arquitetural”. As controvérsias são, segundo Michel Callon, fóruns híbridos, espaços de negociações e conflitos entre os diversos atores imbricados na rede. Controvérsias em Arquitetura são as incertezas que envolvem um projeto e as situações de discordância que atravessam os diversos atores (CALLON, 1996). O projeto de arquitetura, abordado como rede sociotécnica pode ser performado como uma *collage* que recorta demandas divergentes e promove encontros controversos estabilizados com colas com poder adesivo limitado, uma vez que as estabilizações das controvérsias são sempre temporárias.

### Sobre o ofício de pesquisa

Pesquisar e agir em simultâneo é a essência da pesquisa-ação, uma metodologia de pesquisa interventiva e participativa em que “os autores de pesquisa e os atores sociais se encontram reciprocamente implicados: os atores na pesquisa e os autores na ação.” (DESROCHE, 2006). Segundo Desroche (2006), nem toda pesquisa participativa é pesquisa-ação. Este seria o caso de pesquisas em que os atores são apenas convidados, sem uma postura de co-autoria, não exercendo a ação influente que Manuel Sarmiento (2012) entende ser sinônimo de uma efetiva participação. Revisitada pela ótica sociotécnica, amplia-se o entendimento de participantes não restringindo-os a humanos, uma vez que diversos atores não-humanos, tal qual o formulário de um questionário, são atores (e autores) da pesquisa. Essa participação, por sua vez, não é uma opção dos pesquisadores, que convidam os atores a atuar. Os atores agem independentemente da vontade ou autorização dos pesquisadores. Em um projeto de Arquitetura, os projetistas autores do projeto são também atores da rede sociotécnica. Assim como os demais atores da rede, humanos e não humanos, são também autores do projeto, que é, inevitavelmente, fruto de uma construção coletiva. “Todos os designs são designs “colaborativos” – mesmo que, em alguns casos, os “colaboradores” não sejam todos visíveis, bem-vindos ou voluntários.” (LATOURE, 2014, p. 9). Esse processo de concepção coletiva em rede foi nomeado por Costa et al (2017) com a expressão projetarCOM.

Na pesquisa em Arquitetura, é preciso considerar que um edifício não é um objeto estático, mas um “projeto em movimento” (LATOURE e YANEVA, 2017, p. 81). Para apreender o que Yaneva (2012) chamou de arquitetural, precisamos mais do que da representação euclidiana.

Onde você coloca os clientes irritados e suas demandas por vezes conflitantes? Onde você insere as restrições legais e de planejamento urbano? Onde você localiza o orçamento e as diferentes opções de orçamento? Onde você coloca a logística dos muitos comércios sucessivos? Onde você situa a avaliação sutil de praticantes qualificados versus não qualificados? Onde você arquiva os muitos modelos sucessivos que você teve que modificar de modo a absorver as demandas contínuas de tantas partes interessadas conflitantes - usuários, comunidades de vizinhos, preservacionistas, clientes, representantes das autoridades governamentais e da cidade? Onde



O que eu gosto como é e gostaria de manter	O que eu gostaria que fosse diferente	Como eu faria
Clareza e corrente de ar (forma de prender janela externa / ficar segura)	Barulho da rua vaza muito pro ambiente	Janelas anti-ruído
União de madeira (e móveis também)	Acesso à pia (muito alta) e à estante do laboratório	Repensar laboratório em geral (muito estruturado para uso adulto), mt espaço ocioso
Estante ao alcance das crianças	Falta de espaço para trabalho individual / maior concentração	Mesas menores (cortaria as mesas na metade, pois há sempre a possibilidade de junta-las / formar uma maior sala recreativa)
Corredor de entrada dando limite à área de acesso das famílias	Maior integração entre sala e "laboratório"	Repensar a divisória entre ambientes
Cantinho da leitura	Mural de projetos / pesquisas em andamento	Tirar o mapa mundi (usa-lo no fundamental)
Mesa da natureza	Cantinho para descanso + demarcado / estruturado	- Usar espaço ocioso do laboratório - Estante de livros de verdade, separados por temas



“você incorpora as especificidades do programa de mudança? Você só precisa de pensar por um minuto, antes de confessar que o espaço euclidiano é o espaço em que os edifícios são desenhados no papel, mas não o ambiente em que os edifícios são construídos e ainda menos o mundo em que eles são vividos (LATOUR e YANEVA, 2017, p. 81).

Para os autores, “se existe uma injustiça em “materializar” a experiência humana incorporada, há uma injustiça ainda maior na redução da matéria àquilo que pode ser desenhado”. (LATOUR e YANEVA, 2017, p. 83). A Teoria Ator-Rede (TAR) é, segundo eles, o dispositivo capaz de fazer os edifícios se moverem, “ao transformar a visão estática de um edifício em um entre muitos quadros congelados sucessivos que poderiam, finalmente, documentar o fluxo contínuo de um edifício” (LATOUR e YANEVA, 2017, p. 82), inversamente ao que a arma fotográfica de Marey teria feito pelo voo dos pássaros. Um projeto de Arquitetura abrange um complexo conglomerado de agências que raramente são consideradas pela teoria da Arquitetura.

Devemos finalmente ser capazes de imaginar um edifício como uma navegação por uma controversa paisagem de dados [datascape]: como uma série animada de projetos bem-sucedidos ou com falhas, como uma mudança de trajetórias cruzadas de definições e conhecimentos instáveis, de materiais recalcitrantes e tecnologias de construção, de preocupações e avaliações de comunidades de usuários de chinelo. Ou seja, devemos finalmente ser capazes de imaginar um edifício como um movimento modulador de regulação de diferentes intensidades de engajamento, redirecionando a atenção dos usuários; de misturar e colocar as pessoas juntas, concentrando-se nos fluxos de atores e em distribuí-los de modo a compor uma força produtiva no espaço-tempo. Ao invés de ocupar pacificamente um espaço analógico distinto, um edifício-em-movimento deixa para trás os espaços marcados e conceituados como fechados, para navegar com facilidade nos circuitos abertos (LATOUR e YANEVA, 2017, p. 87).

A esta “navegação por uma controversa paisagem” se dá o nome de “Cartografia das controvérsias”, um recurso metodológico para mapear as redes sociotécnicas, entre elas redes de projeto de Arquitetura (YANEVA, 2009). O objetivo é alcançar a máxima complexidade – controvérsia – com a máxima simplicidade – observar. Observar, na perspectiva cartográfica, significa estar livre de pressupostos e protocolos. A objetividade não é alcançada pelo suposto distanciamento do objeto de estudo, mas pela multiplicação dos recortes que, quanto mais numerosos e parciais, performam observações mais objetivas e imparciais (VENTURINI, 2010).

Para que queres estar morto? Por mim, prefiro estar vivo, e por isso quero mais palavras, mais controvérsias, mais contextos artificiais, mais instrumentos, para me tornar sensível a cada vez mais diferenças. O meu reino por um corpo mais incorporado! (LATOUR, 2008, p. 45).

As Figuras 1, 2 e 3 apresentam exemplos dos múltiplos e numerosos recortes que trouxeram para a rede uma multiplicidade de vozes.

### Sobre a escola de educação infantil

Para pensar os requisitos de territórios destinados às crianças - entre eles a escola - é preciso antes compreender “infância”, uma realidade relativamente recente e em constante transformação. Sarmiento (2007), defende que a infância deve ser compreendida não pela ausência de características próprias dos adultos, mas pela presença de outras, comuns a todas as crianças, independentes de classe, gênero, espaço geográfico, cultura de origem ou etnia:

A infância não é a idade da não-fala, visto que todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações de crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do

Figura 1 - Mapa de sentimentos produzido pelos educadores e funcionários (Registro realizado pela autora em maio de 2017). Figura 2 - Manifestação individual de uma educadora do Ciclo 3 (Registro realizado pela autora em agosto de 2019). Figura 3 - Estabilização de controvérsias em projeto coletivo produzido pelos educadores do Ciclo 3 (Registro realizado pela autora em outubro de 2019).



não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus cotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche (SARMENTO, 2007, p. 35).

Pela ótica da afirmação do que é próprio das crianças, as suas necessidades deixam de ser receberem aquilo que elas não têm, a fim de completá-las ou desenvolvê-las, passando a ser de afirmarem aquilo que são: necessidade de autonomia para exercerem as capacidades que têm; necessidade de respeito para manifestarem a cultura que têm; necessidade de potencializar sua voz para expressar os desejos que têm. Se por um lado a negação pode ser prescindida na definição da infância, esta é a ela imposta na forma de invisibilidade: cívica e científica. A primeira, refere-se à exclusão de direitos políticos, não apenas da ação política (votar e ser votado), mas da cena pública, com o afastamento do mundo da infância do mundo dos adultos e o confinamento da infância a um espaço social condicionado e controlado pelos adultos, sem que elas sejam incluídas entre os destinatários das decisões políticas: “cidadãos”, “contribuintes” ou mesmo “povo”. A elas cabe um acesso futuro à cidadania plena, que não é resultante apenas da passagem dos anos, mas da compulsividade da frequência à escola: espaço institucional promotor das utopias igualitárias da modernidade. Vistas como cidadãos do devir, encontram-se no presente afastadas do espaço público e limitadas ao contexto escolar e doméstico, que devem suprir todas as suas necessidades do presente e, principalmente, do futuro. A segunda traduz-se na invisibilidade científica, que priva as crianças do papel de atores na produção do conhecimento sobre a infância, limitando-as a objetos ou destinatárias das investigações sobre a criança ou para a criança, respectivamente. A fim de evitar a invisibilidade experimentada pelas crianças, um *projeto-collage* destinado a elas não pode prescindir das performances infantis em seus recortes e encontros, tais quais os apresentados nas Figuras 4, 5 e 6.

Tal qual a infância, a escola é uma tecnologia de época. “O certo é que essa instituição nem sempre existiu na ordem de uma eternidade improvável, como a água e o ar, tampouco como as ideias de criança, infância, filho ou aluno, igualmente naturalizadas” (SIBILIA, 2012, p. 16). Embora pareça tão natural, o regime escolar foi inventado em um espaço-tempo concreto, identificável e surpreendentemente recente. A escola

foi concebida para atender a um conjunto de demandas específicas da sociedade moderna que “se pensou a si mesma - pelo menos idealmente - como igualitária, fraterna e democrática”, assumindo a responsabilidade de educar todos os cidadãos. Neste processo, desempenhou papel crucial o Estado, que alcançou a envergadura de uma mega instituição, capaz de dar sentido e garantir o bom funcionamento da escola e todas as demais instituições em torno das quais se organizou a modernidade: família, fábrica, exército e prisão (SIBILIA, 2012). Embora não seja protagonista dos programas educacionais, “é o edifício escolar o objeto concreto que a população identifica e dá significado, se confundindo com o próprio serviço e com o direito à educação.” (LIMA, 1995, p. 75). No Brasil, em cada momento histórico, essas edificações materializaram as práticas pedagógicas e as políticas públicas educacionais vigentes (AZEVEDO, 2002), sendo, ao mesmo tempo, prescritas por elas.

A pesquisa desenvolvida, não pretendeu prescrever situações ideais para o ambiente escolar, e sim produzir material de apoio às tomadas de decisão, construindo um repertório, não só de soluções, mas também das renúncias associadas a cada escolha.

Tudo o que é absorvido e registrado em nossa mente soma-se a coleção de ideias armazenadas na memória. Uma espécie de biblioteca que podemos consultar toda vez que surge um problema. Assim, essencialmente, quanto mais tivermos visto, experimentado e absorvido, mais pontos de referência teremos para nos ajudar a decidir que decisão tomar: nosso quadro de referências se expande (HERTZBERGER, 1991 *apud* LAWSON, 2011, p. 110).

Assim como colecionar respostas sem perguntas, colecionar repertório de soluções arquitetônicas sem controvérsias não contribui para que criemos um corpo sensível ao que Yaneva (2012) chamou de arquitetural. A documentação das escolhas e renúncias envolvidas em cada solução adotada no projeto (Quadro 1) concede ao *texto-collage* um espécie de transparência que deixa evidente as múltiplas camadas de recortes, encontros e cola que sustentam a camada final - a obra construída - que Yaneva (2012) chama de arquitetônico.

Figura 4 - Manifestação das crianças do Ciclo 3 sobre o que não gostavam na sala de aula (Registro realizado pela autora em setembro de 2019). Figura 5 - Subversão do uso previsto pelos adultos para brinquedo do tipo casinha manifestando o desejo por brinquedos de escada (Registro realizado por Carolina Avellar em dezembro de 2019). Figura 6 - Intervenção das crianças no Atelier de artes (Registro realizado por Milena Kato em março de 2021).

Movimento	Decisão	Escolha	Renúncia
I - Antes do início (Pólen)	Área coberta reduzida	Fatura de área livre	Impossibilidade de funcionamento em dia de chuvas fortes.
II – O encontro	Criação de uma área de transição entre a rua e a escola	Redução do impacto no trânsito do bairro; Criação de colchão de amortecimento entre o pátio e a rua dispensando muros ostensivos; Praça da família.	Redução de área de pátio.
III – Debaixo do mesmo teto	Refeitório no exterior	Contato com a natureza.	Inviabilidade de uso nos dias de chuva e necessidade de limpeza com muita frequência.
IV – O rompimento	Ciclo 1 no fundo do pavimento superior	Autonomia dos bebês para usarem o pátio	Pais de cruzar a escola para deixar/buscar e permanecerem dentro dela durante a integração.
V – O amadurecimento	Móveis em MDF com recorte eletrônico e encaixes.	Custo e prazo reduzidos	Nenhuma resistência à água.
VI – A expansão	Ciclo 4 - Construção da edificação no terreno da escola.	Redução de custo operacional.	Redução da área livre.
VII – A pandemia	Ciclo 2 – Ambientes exclusivos para cada núcleo	Acolhimento	Expansão

### Sobre Isolândia

No relato da tese, a rede sociotécnica Espaço Cria é performada pela colagem de oito movimentos, dezessete histórias e duas matrizes que reúnem os acontecimentos que se desenrolaram ao longo de seis anos, em cinco endereços, e sustentam alguns entendimentos:

- de que projeto é uma rede em que agem atores humanos e não humanos;
- de que o arquiteto não é só autor do projeto, mas também ator da rede;
- de que o arquiteto não é o único autor do projeto, e que com ele projetam, no caso da escola, as crianças, os educadores, os abacates e os vírus, apenas para citar alguns dos inúmeros atores;
- de que o papel do arquiteto não é o de criador, mas sim o de mediador privilegiado de um processo de criação que é coletivo.

Na tese, cada movimento, cada história - e cada detalhe de cada história - contribuiu em alguma medida para sustentar tais entendimentos, sendo tarefa inglória resumilos ou selecionar apenas alguns trechos, sem que isso comprometesse os alicerces solidificados pelo relato integral.



Ao percorrer o relato com esta intenção, um detalhe, de uma das histórias, de um dos movimentos, me chamou a atenção por motivos óbvios: era uma colagem. Uma colagem no sentido literal da palavra: feita com recortes de papel colados sobre um pedaço de papelão. Era Isolândia. Isolândia foi produzida durante o isolamento imposto pela pandemia de Covid 19 no ano de 2020. Isolândia é uma cidade sem pessoas nas ruas.

Isolândia foi produzida por um adulto e três crianças: uma menino de seis anos e duas meninas de sete. O adulto é ilustrador profissional e propôs a colagem às crianças para preencher o tempo em que era ele o responsável por cuidar delas, em uma escala de revezamento com os outros três adultos, com os quais compartilharam quatro meses de isolamento em uma propriedade rural na região serrana do Rio de Janeiro.

É notável na colagem os traços infantis, mas é igualmente notável um equilíbrio das cores e das formas, dignas de um profissional experiente. Embora eu fosse uma das adultas que co habitavam o sítio, não acompanhei o processo em detalhes, pois quando não era eu a responsável pelos cuidados com as crianças, estava ocupada com o trabalho remoto e com as rotinas domésticas. Isolândia me foi presenteada e está hoje emoldurada e pendurada em uma parede na minha casa. Mas foi somente ao me propor escrever este artigo que indaguei o ator/autor adulto sobre como ele conduziu o processo, de modo a conjugar os traços infantis com o equilíbrio profissional já mencionados. Segundo ele, a unidade se deveu inicialmente à escala de cores, condicionada pelos materiais disponíveis - algumas canetas da marca Posca de seu estojo e algumas tintas antigas esquecidas no sítio - e selecionadas por ele para compor bem com a cor do papelão. “A partir daí, trabalhamos juntos, os quatro, sem um projeto prévio e deixando o erro acontecer. Alguns erros deles três eram muito interessantes, pois eles faziam umas sobreposições que davam impressão de volume e profundidade, sem utilizar os recursos do desenho acadêmico como o ponto de fuga. Fui deixando rolar e dando alguns contornos para que esses acidentes, que a colagem favorece devido às sobreposições, aparecessem e ficassem mais expressivos” (BUENO, 2023). O processo colaborativo de concepção do ambiente construído do Espaço Cria (Figuras 8, 9 e 10) não foi tão diferente do processo colaborativo de concepção de Isolândia. E o papel da arquiteta responsável pela condução do projeto não foi tão diferente do papel do ilustrador na condução da colagem. A eles coube, não a seleção dos recortes ou o poder da cola, mas a promoção dos encontros e o preenchimento dos vazios, dando às várias partes uma unidade equilibrada e viável.

Figura 7 - Isolândia (Registro realizado por Rodrigo Bueno em abril de 2020).



As maiores dos estudos da collage, ingenuamente, sempre tratam de colocá-la num jogo de oposição, de um binarismo entre um recortar-colar, rasgar-costurar, desmontar-montar, separar-unir, extrair-embutir, dispersar-organizar, quebrar-colar, cortar-costurar, ignorando o intervalo significativo que se dá entre essas etapas. Basta olhar no programa de seu computador. Até mesmo os linguistas trataram de colocar como uma linguagem de oposição, não explicando como se dá a articulação das figuras. Nesse sentido, a fenomenologia dos encontros parece bastante oportuna para explicar este espaço de atuação do encontro das figuras, localizado exatamente no meio dos dois extremos, entre o cortar e o colar (FUÃO, 2011, p.7 e 8).

### Agradecimentos

A todas as crianças, educadores e famílias do Espaço Cria, pela criação coletiva, à CAPES, pelo financiamento da pesquisa, e a Rodrigo Bueno, Iolanda Bueno, Margarida Bueno e Daniel Memoria, por Isolândia.

### Referências

AZEVEDO, Giselle. *Arquitetura Escolar e Educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista*. 2002. Tese (doutorado em Engenharia de Produção). Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BUENO, Rodrigo. Relato verbal, 2023.

CALLON, Michel. *Le travail de la conception en architecture*, v. 37, n. 1, p. 25-35, 1996.  
COSTA, Rodrigo; AZEVEDO, Giselle; PEDRO, R. Projetar-com: o arquiteto como “autor-rede” em movimento. *Gestão e Tecnologia de Projetos*, São Carlos, v. 12, n. 2, p. 103-116, 2017.

DAVID, Jéssica. *PesquisarCOM o método: pistas para uma cartografia de controvérsias em ação*. 2018. Dissertação (mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DESROCHE, Henri. Pesquisa-ação dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. In: THIOLENT, Michel. *Pesquisa-ação e projetos cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 33-68.

FUÃO, Fernando. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

FUÃO, Fernando. *Arquitetura como collage*. 1992. Tese (doutorado em Arquitetura). Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona.

HERTZBERGER, Herman. *Lessons for Students in Architecture*. Roterdã: Uitgeverij 010, 1991.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João; ROQUE, Ricardo. *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social. Uma introdução a teoria ator-rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

LATOUR, Bruno. Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop*, São Paulo, v. v. 6, n. n. 58, p. 2-21, 2014.

LATOUR, Bruno.; YANEVA, Alben. Give me a gun and I will make all buildings move. *Ardeth [Online]*, p. 103-111, 2017. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/ardeth/991#ndlr>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LAWSON, Brian. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

Figura 8 - Fachada da edificação preservada (Registro realizado pela autora em janeiro de 2019). Figura 9 - Fachada do edifício anexo (Registro realizado pela autora em maio de 2021). Figura 10 - Interior do edifício anexo (Registro realizado pela autora em setembro de 2020).

LIMA, Flávia. *Criar em rede: Dispositivos de fronteira e repertório de controvérsias no projeto colaborativo de uma escola viva de educação infantil*. 2021. Tese (doutorado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LIMA, Mayumi. S. *Arquitetura e Educação*. São Paulo: Nobel, 1995.

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, João; ROQUE, Ricardo. *Objectos impuros: Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

MORAES, Marcia; BERNARDES, Anita. Apresentação. In: TAVARES, Gileade; MORAES, Marcia; BERNARDES, Anita. *Cartas para pensar política de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, 2014. p. 7-13.

SARMENTO, Manuel. A Criança Cidadã: vias e encruzilhadas. *Imprópria*, n. n.2, 2012. 45-49.

SARMENTO, Manuel. Visibilidade social e estudo da infância. In: VACONCELOS, Vera; SARMENTO, Manuel. J. *Infância (in)visível*. 1. ed. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2007. p. 25-49.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 2011.

YANEVA, Albena. *Made by the Office for Metropolitan Architecture: An Ethnography of Design*. 1ed. ed. Rotterdam: 010 Publishers, 2009.

YANEVA, Albena. *Mapping Controversies in Architecture*. London: Ashgate, 2012.